

São Vicente: 40 anos

O GLOBO

02 ABR 1999

MOACYR DE GÓES

O Colégio São Vicente de Paulo (Cosme Velho, Rio de Janeiro) está festejando seus 40 anos de fundação. Metade desse tempo, 20 anos, fiz essa caminhada com a escola na dupla função de professor e pai de cinco filhos que lá estudaram. Sei que para o cristianismo o testemunho é um fator importante de identidade e de avaliação. Por isso acho que devo prestar este testemunho.

Cada um que passou pelo São Vicente (ou qualquer instituição) tem direito ao seu olhar próprio: experiências, vivências, esperanças, frustrações. Respondo pelo meu olhar, isto é, meu testemunho.

Sou da diáspora potiguar que aportou ao Rio de Janeiro (sede de embaixadas) em fins de 1964, tangida pelo golpe de Estado. Em agosto de 1965 o diretor Marçal Versiani aprovava meu currículo e comecei a lecionar no ginásio do São Vicente em série equivalente, hoje, à quinta do primeiro grau. Refiz minha didática de experiência universitária e enfrentei o batente.

Aqueles eram tempos difíceis: a ditadura rachara o Brasil ao meio e a fogueira ideológica da Guerra Fria incendiava o mundo. O São Vicente — escola confessional católica mantida pela Congregação da Missão — estava no meio desse mundo. Logo vim a perceber que a escola buscava um posicionamento descolado da política oficial, do autoritarismo explícito que se construía, então, no Brasil. Buscava outro rumo. Evidência disso ocorreu num encontro de religiosos latino-americanos, realizado no Rio, quando Marçal, frei Eliseu (do Convento dos Dominicanos, no Leme) e eu redigimos a seis mãos um texto para discussão sobre a formação histórica do Brasil. Participei do encontro e as falas que ouvi faziam eco às de Paulo Freire com quem havia trabalhado no movimento de educação popular "De Pé no Chão também se Aprende a Ler", em Natal. Isso já era um

paradigma para quem se sentia órfão. Um alento.

Tempos sem liberdade são tempos de sussurros, tempos em que meias palavras bastam para identificar solidariedade, companheiros e resistências. Nos corredores, antes de chegar às salas de aula, nasciam as notícias de boca em boca, de ouvido a ouvido:

— Um Conselho da UNE se reuniu ontem, aqui.

— Onde?

— No refeitório.

— Sabe, o padre Fulano de Tal, procurado pela repressão? Dormiu ontem, aqui.

— Cadê?

— Já foi embora. Anoteceu e não amanheceu.

— O aluno tal precisa de uma bolsa de

estudo e maior assistência nossa: os pais partiram para o exílio.

— O padre Almeida foi chamado ao Dops. Um pai de aluno fez uma denúncia baseada no texto de redação de português do filho. Cuidado.

Um novo momento foi criado quando da preparação de Medellín, em 1967 e 68 — aquilo foi uma convocatória. Discutíamos os textos. Os professores estavam interessados em conhecer as experiências dos movimentos de educação popular. Era a vez da Igreja da América Latina, estimulada pelo Vaticano II. A Teologia da Libertação descobria os caminhos confluentes da fé e da política. Vivíamos um momento curioso e conflitante: a Igreja se abria para a criatividade e para o pluralismo ideológico e o Governo militar se fechava no AI-5, mergulhando o

Cavalcante



país no obscurantismo.

De posse das conclusões de Medellín, sob a liderança do padre Dario, um grupo de professores do São Vicente subiu a serra de Petrópolis. Depois de três dias de discussões voltamos ao Cosme Velho com um documento que, aprovado pela diretoria e seu conselho pedagógico, passou a ser a bússola filosófica do trabalho educativo do colégio. Íamos partir para a prática da educação libertadora, inspirada em Medellín.

A sala de aula proclamou: o educando é o sujeito de seu processo educativo. Para isso, a liberdade é um imperativo. Uma loucura. Lá fora, nas ruas, nem o cidadão era mais sujeito de sua cidadania. Foi então que a sociedade foi descoberta do que na educação do São Vicente havia uma especificidade: ensino de qualidade (dos mais altos índices de aprovação no vestibular) e lá se discutia tudo. No Brasil houve um tempo em que ninguém votava: no São Vicente, todos os anos, os alunos votavam para seus grêmios. No Brasil a imprensa estava sob censura, mas no São Vicente os alunos escreviam livremente em seus jornais — quando a ética esteve em questão, grandes discussões ocorreram sobre determinados textos. Muitos diziam que nós construíamos uma ilha de liberdade cercada de repressão por todos os lados. Riscos havia. Mas, ali, nas salas de aula, o processo educativo crítico e conscientizador ganhou a batalha. Por isso, quando a ditadura caiu, a geração de jovens do São Vicente não era alienada, como em outros lugares. Ela participava de um processo histórico e optava pela democracia, pelo pluralismo, pela liberdade e pelo humanismo cristão.

Hoje, recebo um convite para as festas que celebram a fundação e lá está escrito: "Colégio São Vicente de Paulo — 40 anos educando para a transformação social."

Confirmo. Dou testemunho.

MOACYR DE GÓES é educador e escritor.